

## Debate

# Afastados, mas juntos, em tempos de COVID

17 de Novembro de 2020

A crise financeira de 2008 teve um impacto directo nas instituições culturais do país: a redução das visitas escolares. A crise da pandemia está a afectar a relação não só com os grupos escolares, mas também com os seniores e os turistas. Trata-se de grupos com os quais poderíamos dizer que existe alguma "dependência". Além disso, a constante adaptação das medidas de contenção da pandemia afectam diariamente as nossas tentativas de criar planos. É possível manter o contacto com as pessoas? De que forma? O que têm feito nos últimos meses as instituições culturais portuguesas e o que tem orientado as suas decisões? Como se avaliam estes primeiros meses e o que é que se espera no futuro próximo?

## Resumo

Nos meses de Abril e Maio, apanhados de surpresa pela pandemia e os seus efeitos nas organizações culturais e na sua relação com o público, a Acesso Cultura organizou uma série de debates para discutir a situação. Nesses debates, houve alguns pontos que emergiam com persistência:

- A esperança e o desejo de termos mais tempo para pensar em coisas que normalmente adiamos;
- A esperança e o desejo de podermos fazer menos, mas melhor;
- A esperança e o desejo de criarmos uma relação melhor com os nossos vizinhos.

No entanto, parece que, com a reabertura dos nossos espaços ao público, o único desejo foi regressarmos a qualquer custo ao "business-as-usual", sem considerar o contexto e sem conhecer os desejos e intenções do público.

No período da quarentena (que algumas pessoas pensaram que ia mesmo durar só 40 dias) emergiram realidades que desconhecíamos: situações como idosos que vivem sós e sem acesso à tecnologia, crianças sem acesso à internet, pessoas com necessidades especiais confinadas e sem acesso aos conteúdos online disponibilizados, as necessidades das famílias numerosas, etc.

Tivemos de nos adaptar, de manter o contacto com os encarregados de educação mesmo pelo telefone, de passar a fazer o nosso trabalho online.

Dentro das equipas, houve reacções diferentes: apatia, melancolia, imensa energia.

Houve também medo e pânico.

Pensámos no que poderia fazer sentido em termos de programação: regressámos, por exemplo, ao tema da tristeza, que já tínhamos abordado, mas nouro contexto.

Procurámos novos modelos de participação.

Deixámos de lado a produção de materiais físicos, reforçámos a comunicação via newsletter e investimos em experiências digitais de qualidade.



Parece que os processos ganharam outro ritmo, coisas que teriam demorado muito tempo para serem aprovadas, puderam agora avançar com maior rapidez.

Criámos serviços “take away”, porque o digital não serve as zonas rurais.

Pensámos mais no que podíamos fazer para as nossas cidades.

Alguns perceberam que deveriam cuidar melhor das suas equipas.

### E nos próximos meses?

Anunciaremos períodos de programação mais curtos

Retiraremos investimento do papel e colocaremos no digital.

Há público que quer vir e que se mostra compreensível quando há alterações na programação.

A relação de proximidade é mais verdadeira agora.

Temos uma equipa móvel.

### Quem fica de fora?

Esta deve ser uma pergunta permanente. Em tudo o que se fez, parece que não foram consideradas as necessidades das pessoas com deficiência, das mulheres idosas (as mais excluídas do digital), dos cuidadores e auxiliares.